



EXPRESSO

VOCÊ LÊ E ENTENDE

18 de Novembro de 2019 / Edição 56

A CENA SE REPETE

A fome volta a atormentar

Fome atormenta

Em Mari, todo dia é a mesma coisa. Ninguém sabe se terá o pão do dia para alimentar a família

A comida das refeições diárias é uma incerteza constante para muitas famílias da cidade de Mari. A agricultora Maria do Carmo Alves, em tom de lamento, diz que "é duro quando os filhos pedem o que comer e você não tem o que dar". Ela completa dizendo que às vezes passa três dias sem se alimentar. "O jeito é sair pedindo comida aos vizinhos, tentar arrumar algo que mate a fome das crianças".

O mesmo revela Luiz Félix da Silva, 54 anos, que tira ainda algo para sustentar a família das poucas lavouras existentes na região. "Às vezes a gente não tem nem o pão para por na mesa. A saída é aguentar a fome, tentar enganar de algum jeito a barriga das crianças", afirma. Ele conta que não se lembra de outra época de tanta pobreza.



Vera Pontes, prefeita, é categórica: "Mari está falida"

Já Adagisa Maria da Conceição frisa que "é rezar para que Deus ajude. Falta tudo na cidade, só sobra problema para o pobre". Ela relata que "a falta de comida é o que é mais triste. As crianças ficam doentes, os adultos enfraquecem, a situação



A desolação

Vinte e dois anos depois, a cena se repete em todos os seus aspectos, os mais trágicos possíveis e não falta quem não queira tirar proveito em cima da desgraça alheia. Os urubus da fome e da desgraça estão sempre prontos para atacarem

"O Governo Federal vai pagar o décimo [...], deixou de conceder benefícios durante meses... Não passou de uma jogada"



ENTREVISTA

Dja Moura

Coordenadora do Programa
Bolsa Família



EXPEDIENTE

Diretor Geral

Marcos Sales

Repórter

Ruan Henrique

Articelistas

Aninha Ferreira; Alexandre Kennedy, Cleiton Duarte, Nelma Moraes

Departamento Comercial

Mayara Paiva

Foto/Editorial

Reprodução Internet

Editoração Eletrônica

Grupo Expresso

REDAÇÃO

A fome não tem endereço, faz vítimas

“ A fome é a maior violência que um povo pode sofrer, haja visto as causas e consequências que a mesma acarreta ao ser humano.”. Assim reagiu a então prefeita de Mari quando o jornal O Norte estampou a situação crítica de famílias marienses que viviam a baixa da linha da pobreza.

Não foi só palavras, mas a prefeita agiu para amenizar os efeitos da seca e da fome no município. Logo, tratou de trabalhar projetos de geração de renda junto a órgãos estaduais, de imediato encaminhou para a câmara e criou o Fundo de Aval para pequenos agricultores pegarem dinheiro emprestado para salvarem suas lavouras; não ficou só nisso, foi buscar junto ao Sine uma Agência para fomentar a geração de emprego.

No ano seguinte, Vera conseguiu atrair um posto da Penalty gerando cerca de 200 empregos diretos no município. Em 1999, Mari já não era o mesmo desde aquela reportagem d'O Norte. É fato que o Governo Federal em nada

ajudou a prefeitura a mudar a realidade do povo, tudo foi feito com os poucos recursos próprios e o FPM, mesmo assim foi possível fazer algo.

Tanto tempo depois, não só Mari, mas algumas cidades se tornaram pauta da TV Cabo Branco para expor a fome presente no nordeste. O que tem feito a prefeitura de Mari para ajudar as famílias dessa situação de penúria? A gestão municipal precisa vir a público dizer o que está fazendo, do contrário os aproveitadores irão responsabilizar a gestão local pela grave situação.

Sabemos pois que não é fácil, mas algo tem que ser feito. Para entender melhor a situação problemática vivida, EXPRESSO publica nesta edição uma entrevista com a Coordenadora do Programa Bolsa Família de Mari que revela que cerca de 300 famílias esperam inclusão no programa. Essa é a realidade, nua e crua! Alguém tem que fazer alguma coisa.

Assessoria e Consultoria Contábil

Abertura de Regularização de Empresa

Fábio Cassiano Felipe dos Santos

Contador - CRC/PB 4859

(83) 99826-0348



ORAÇÃO

POR ANINHA
FERREIRA

De acordo com o dicionário, a palavra Oração significa reza, prece, súplica. Contudo, não basta apenas orar, mas, acreditar que será atendido, que conseguirá o que pede - isso é ter Fé. Não importa qual seja a crença, todos nós acreditamos em algo maior que nos rege, e é isso que nos faz continuar mesmo em meio às dificuldades. Fé na vida, em Deus, no universo, na troca da energia positiva, na sorte, no retorno de tudo, no girar do mundo, em si mesmo, enfim. Fé é a sílaba poderosa que nos sustenta quando tudo desanda. Entretanto, nem sempre ela está ali, firme e forte; nem sempre conseguimos acreditar que a dor, a tristeza e as decepções de hoje irão realmente acabar. O grãozinho de mostarda para mover montanhas (como nos falou Jesus Cristo) é muito difícil de ter e manter. Isso porque o mundo não é nada fácil, e tem sido cada vez mais complicado manter acesa essa certeza de que o sol voltará a brilhar depois da tempestade.

A cada manhã, ao sairmos de casa para cumprirmos as nossas obrigações, estamos sujeitos à maldade humana que não para de surpreender aqueles que ainda acreditam na bondade e no amor ao próximo. A sociedade tem crescido em número e em egoísmo, em falta de compaixão e empatia. Diante da fome de bons sentimentos, a oração nos alimenta. Oramos para ir, oramos para voltar, oramos por nossas vidas, pelas vidas dos que amamos, pelas nossas escolhas, pelos nossos planos e sonhos, pelas nossas relações, pelo nosso trabalho e pelas tantas “pedras no sapato” que insistem em nos ferir. Mesmo em meio à correria da vida, oramos. Muitas vezes, em silêncio. Uma oração que não necessita de frases prontas, basta ser a voz do coração. Precisamos acreditar que algo/alguém cuida de nós, precisamos ter esperança, do contrário, não suportaríamos continuar. Infelizmente, muitos não suportam...



Mas, a oração precisa ser ativa. O que eu tenho feito por aquilo que incessantemente peço? Há uma história interessante que diz assim: “Certa vez, estava um homem atravessando um rio com sua canoa. Ele estava sozinho. Em cada mão tinha um remo. No remo direito estava escrito a palavra orar e no esquerdo a palavra era agir. Este homem estava com dificuldades de chegar até a outra margem do rio, onde era seu destino. Começou a remar. Pegou o remo com a palavra orar, começou a remar...remar..., mas ele não conseguia sair do lugar, pois somente girava em círculos. Parou. Pegou o remo com a palavra agir. Começou a remar, mas, novamente, ele não avançava e só girava em torno de si. Parou novamente. Pensou e resolveu fazer o movimento com os dois remos. Ao fazer isto, ele conseguiu sair de onde estava e chegou do outro lado da margem,

onde ele queria chegar. Foi somente pelo impulso da oração e da atitude que ele conseguiu fazer seu percurso.”

A história nos faz refletir que é preciso orar, mas também, é preciso agir. Na palavra oração, a ação está clara. De nada adianta dobrar joelhos e cruzar os braços, esperando o milagre acontecer. Ninguém fará por nós o que só nós podemos fazer. Somos livres e donos das nossas escolhas. Analise a seguinte situação: durante o dia você resolve muitas coisas da sua casa, dos estudos e do seu trabalho, certo? Mas, quantas coisas estão alinhadas com aquilo que você pede em oração? Quantas atitudes toma para conseguir aquilo que tanto deseja? Talvez você perceberá que não faz quase nada, mas, toda noite ao deitar a cabeça no travesseiro, ora por elas. Pedir é fácil, difícil é sairmos da nossa zona de conforto e irmos ao encontro de nossas preces.

Oração e ação não são coisas opostas, são complementares, e cada uma tem a sua devida importância. Orar é compromisso. Se você quer um

emprego, ore e busque-o; se precisa de um amor, ore e permita que o amor lhe encontre; se quer uma vida financeira melhor, ore, organize-se e lute por ela; se quer resolver um problema, ore e faça a sua parte; se a doença chegou, ore e cuide-se; se quer passar no concurso, ore e estude de verdade; se errou feio, ore, peça desculpas, assuma as consequências e recomece. Descruze os braços e coloque em prática os dons e habilidades que existem em você. Acredite que pode, use os instrumentos que você tem e pare de reclamar e colocar nos outros a responsabilidade que é sua, a parte que lhe cabe. “Bote a mão na massa!”

Deus nos ajuda, mas não age por nós. A certeza de que Ele está no controle de todas as coisas e de que nossa capacitação vem dEle não pode nos conduzir a uma atitude de passividade para com as decisões e ações em nossas vidas. Orar antes de agir é reconhecer nossas limitações e fraquezas. Agir depois de orar é reconhecer que “eu posso todas as coisas, naquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).



Rua: Fugêncio Rique, 377 - Centro - Mari/PB



COM PLANOS DE
2MB À **10MB**
LIGUE E PEÇA JÁ
A SUA INSTALAÇÃO!

MARI;
C. BRANDÃO;
CAJÁ;
RIACHÃO DO
POÇO;
SOBRADO;
SAPE
E REDONDEZAS

FONE: **9090 99969-0370** ou **3287-2515**

www.ntnetmari.com.br
www.ntnetsape.com.br



A CENA SE REPETE:

A fome volta a atormentar



O ano era 1997, o hoje extinto Jornal O Norte estampa em sua capa uma reportagem especial sobre a fome no Nordeste brasileiro, em especial na Paraíba, a cidade escolhida foi Mari, localizada a 60 km da capital. Era março daquele ano, a cidade era administrada pela Prefeita Vera Lúcia da Silva Pontes, faziam apenas três meses que o novo governo se instalava na cidade.

Vinte e dois anos depois, a cena se repete em todos os seus aspectos, os mais trágicos possíveis e não falta quem não queira tirar proveito em cima da desgraça alheia. Os urubus da fome e da desgraça estão sempre prontos para atacarem.

Reportagem da TV Cabo Branco exhibe, assim como o antigo O Norte, cenas de uma realidade cruel

Em 1997, O Norte andou a cidade, ouviu as pessoas, falou com a prefeita. “Os problemas do município ocorrem por causa da falta de atenção do Governo Federal [...]. Aqui a pessoa tem 50 anos e aparenta ter 70”, disse Vera Pontes a reportagem.

Nessa semana, a TV Cabo Branco exibiu no JPB 2 uma série de reportagem especial sobre a fome e mostrou uma família de Mari que vive em situação de extrema pobreza, confirmando assim os números da pesquisa de Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2019

divulgados pelo IBGE no último dia 06 de novembro, dando conta que em 2018 o rendimento dos 10% mais ricos da população subiu 4,1% em 2018 e o rendimento dos 40% mais pobres caiu 0,8%, na comparação com 2017.

Levantamento da consultoria Tendências feito no ano passado e publicado no Jornal Valor Econômico, mostra que, das 27 unidades da federação, 25 tiveram piora da miséria entre 2014 e 2017. Na média nacional, a pobreza extrema avançou de 3,2% em 2014



para 4,8% em 2017, maior patamar em pelo menos sete anos, conforme dados da consultoria.

Em agosto deste ano, com a necessidade de cortar R\$ 2,25 bilhões em despesas, o governo Jair Bolsonaro decidiu reduzir os limites de gastos da área social. Segundo o mesmo Jornal Valor Econômico, entre os ministérios, o mais afetado na nova programação orçamentária foi a pasta da Cidadania, responsável pelas políticas sociais, que teve uma redução de R\$ 619 milhões.

Diante desses cortes e com a situação econômica se agravando a cada dia, como combater a extrema pobreza e conseguir estancar a fome?

Segundo a Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ, Erika Rizzo, em artigo publicado no site Politize! (<https://www.politize.com.br/fome-no-mundo-como-ser-solucionada/>) em primeiro lugar, para tratar a fome é importante atacar também a pobreza. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o crescimento econômico dos países é um dos fatores

chaves para a redução da fome mundial. Entretanto, é necessário que esse desenvolvimento seja feito de maneira inclusiva, que abranja as populações vulneráveis, promova mais oportunidades de desenvolvimento, melhore a produtividade e a renda dos pequenos produtores e dê mais meios para o sustento de sua subsistência. Assim, a desigualdade social tende a diminuir conforme a distribuição de renda interna aumenta, principalmente no campo.

No mesmo artigo, Rizzo afirma que não se trata a fome e com uma única política pública. É preciso um extenso e contínuo trabalho, um conjunto de ações de curto, médio e longo prazo que sejam multifacetadas – ou seja, que atue sobre diferentes aspectos sociais. É importante destacar que em cada canto do globo a questão envolve diferentes particularidades, assim as soluções criadas devem levar em conta esses fatores, tentando sempre ouvir a voz

das comunidades afetadas para se entender de fato o núcleo causador da desigualdade e assim, bolar políticas que ataquem esses problemas. Não existe uma receita de bolo milagrosa.

Em entrevista a EXPRESSO, a Coordenadora do Programa Bolsa Família, Djaciara Moura, falou da dificuldade que o programa vem tendo para atender a demanda de solicitações de inscrição de pessoas ao programa (ver entrevista mais a frente), o que pode estar acarretando ainda mais a problemática no município. Assim como ocorreu em 1997, setores da oposição se aproveitam da miséria alheia para montarem seus palanques políticos ao invés de apresentarem propostas de políticas públicas para amenizar o sofrimento alheio.

Procurado pela EXPRESSO, o município de Mari respondeu através de sua assessoria que políticas de combate a fome e a pobreza são executadas pela gestão, mas que não são suficientes para sanar a demanda.



Sport Fácil
O Mundo dos Esportes On-Line
Org.: Téo
Rua: Antonio de Luna Freire - Centro - Mari/PB



**A coluna
parabeniza
Luzielson e
esposa que
selaram a união
no último dia
09/11 . Ele filho do
Secretário Ramo
e da professora
Riso.
O casório ocorreu
no Restaurante
Sal e Brasa em JP**





ENTREVISTA

Dja Moura

“O Governo Federal vai pagar o décimo [...], deixou de conceder benefícios durante meses... Não passou de uma jogada”

A frente do Programa Bolsa Família na cidade de Mari, desde fevereiro de 2017, a jovem Djá Moura, tem acompanhado o drama das famílias que procuram o setor para dar entrada no benefício, mas que não tem conseguido ter acesso a ele. Desde março que a lista de espera vem aumentando. Até a semana passada, quando Dja Moura concedeu essa rápida entrevista a EXPRESSO, já eram mais de 300 na fila e provavelmente já deve ter aumentado. Nessa conversa Dja ironiza o fato do Governo Federal conceder o abono natalino aos beneficiários que já estão no programa, enquanto muitos estão na esperam e provavelmente passando fome.



ENTREVISTA: MARCOS SALES

RE - Qual a situação benefícios do Programa Bolsa Família que estão suspensos em Mari?

Djá Moura - Suspensos? Acho que vocês estão falando dos benefícios que estão na lista de espera e ainda não foram aprovados, né? Então, tá do mesmo jeito, continuam a espera de uma posição de Brasília.

RE - E as pessoas que se inscreveram como estão fazendo?

Dja Moura - As pessoas não param de vir saber o que está havendo e a gente sempre explicando que não depende de nós, mas do Governo Federal.

RE - Quantas famílias estão nessa situação em Mari?

Dja Moura - Olha, dentre cadastros novos e pessoas que recebiam e estão tentando voltar a receber, já passou dos 300 e nosso maior problema é essa demora na concessão de benefícios. A última lista que chegou foi em março.

RE - Geralmente quanto tempo se esperava para dar entrada e receber os benefícios?

Dja Moura - Não tinha tempo determinado, mas o prazo máximo era de 3 a 4 meses. Tinha cadastro que se a gente fizesse até a data prazo do mês (geralmente dia 15), já vinha no mês seguinte.

RE - O que fazer diante de uma situação como está? Qual orientação você daria?

Dja Moura - Olha, sempre informo ao povo o que está acontecendo. Esclareço que é um problema federal, sem laços com o município, até porque as concessões de benefícios dependem única e exclusivamente dessa esfera. Nós coordenadores não recebemos orientação nenhuma nem muito menos satisfação do que falar aos beneficiários. Eu sempre peço

pra o pessoal ficar indo todo final de mês ver se chegou alguma coisa, porque é quando chega para nós a lista de concedidos, que há meses está vindo zerada. E isso é a situação de toda Paraíba, com certeza de todo Brasil também.

RE- Na sua opinião, qual o motivo dessa demora nas concessões dos benefícios?

Dja Moura - Como o Governo Federal vai pagar o décimo agora em dezembro, fez essa jogada, entendeu? Deixou de conceder esses benefícios

durante meses para chegar em dezembro e dizer que tirou do orçamento público um "presente" para o Bolsa Família. E a verdade é que ele só tirou de um canto para pôr em outro. Porque seria um presente de verdade se a chegada do décimo terceiro não atingisse a concessão mensal de benefícios. Não passou de uma jogada.

*



OS 50 MAIS INFLUENTES DE 2019



Participe da escolha das 50
personalidades mais influentes de
2019;

A lista será publicada na edição de
Dezembro da REVISTA EXPRESSO;

Podem participar todos os
profissionais de mídia e
comunicação do Estado;

Acesse o site ExpressoPB.net, click
no banner e faça as suas
indicações.